

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



**"Adversários, sim.
Mas somos
todos brasileiros"**

(Aceno à esquerda do conservador Rodrigo Maia (DEM-RJ), em fase de distensão política provocada na luta pela presidência da Câmara dos Deputados. Ganhou.)

A presença de Dilma

► **Caso a presidenta saia de cena, o governo do interino, transformado em titular, será mais árduo do que agora**

Michel Temer, sem nenhum constrangimento, tem oferecido ao público, nestes dois meses de interinidade na Presidência da República, uma afirmação vigorosa muito própria de quem busca encobrir com o manto das palavras receios políticos mais profundos.

Temer tem afirmado na primeira pessoa do singular: "Governo como se fosse eu o titular".

Esta arrogância natural já motivou o senador Renan Calheiros, presidente do Congresso, a comparar ironicamente o vice a um "mordomo de filme de terror".

Uma observação feita em outra ocasião.

Temer agora talvez devesse ser mais decoroso. Nada mal, caso se comportasse como um vice no exercício da Presidência. Ele se mostra, entretanto, ansioso demais pelo poder.

Mas há um perfil curto do governo de dois meses, traçado recentemente pelo economista Marcos Lisboa, do Insper. Em entrevista ao jornal *Folha*

de *S. Paulo*, ele registrou o comportamento do "titular": "Se, por um lado, tem falado em sacrifícios, em fazer reformas como a da Previdência (...), por outro, no varejo, tem cedido aos grupos de pressão. Este parece ser um governo fraco, que cede a grupos de pressão".

O autointitulado "titular" equivoca-se quando diz que governa como tal. Dilma Rousseff, quase reclusa no Palácio da Alvorada, assombra o cotidiano do governante interino.

As razões são muitas. Não só pelo circuito de viagens pelo País, denunciando o golpe sofrido por ela e expondo, simultaneamente, desagradáveis notícias para a população mais carente, cujo destino, com as reformas, será o de perder as parcas benesses recebidas pelas políticas anteriores.

Dilma, do Palácio da Alvorada, projeta um contraponto agudo com os adversários comandados por Temer.

Moralmente inatacável, Dilma está do lado oposto do alto círculo peemedebista. Quem duvidar pergunte ao juiz Moro. Neste ponto a porca torce o rabo.

A Lava Jato já derrubou, por suspeita de corrupção, três ministros de Temer: Henrique Eduardo Alves, Romero Jucá e Fabiano Silveira.

Há muitos outros na fila.

Quando os manifestantes, aqueles que foram às ruas marchar contra Dilma, poderão esconder o rosto para dissimular a vergonha do resultado alcançado?

Fora Dilma! Bem-vindo Temer! Dará certo para o Brasil? Para o povo brasileiro?

Dilma Rousseff, presidenta afastada, acredita em uma virada no resultado da votação do Senado. Difícil, mas não impossível.

A presença de Dilma funciona agora como uma espécie de garantia para o governo interino, chamado à tarefa pelas circunstâncias. Se for consumado o *impeachment*, terá de mostrar a cara e suas lamentáveis intenções.



As manifestações não queriam esse "titular"



Obnubilada
pelo
neoliberalismo

O carrasco do BNDES

Maria Silvia Bastos, presidente do BNDES, opera administrativamente na lógica neoliberal da boa gestão.

Ela determinou ao diretor de Planejamento do banco, de sobrenome Carrasco, anunciar a Saturnino Braga, diretor do Centro Internacional Celso Furtado, que não cederia mais o espaço para a ocupação de duas salas em edifício próximo à sede do banco.

A ordem dada a Carrasco é a de conter gastos.

Dane-se o resto. Ou seja, a memória econômica do Brasil preservada em cerca de 5 mil livros e milhares de outros documentos.

Não se pode afirmar que há, no BNDES de hoje, um choque político entre a visão progressista de Furtado (1929-2004) e a visão desumana de Maria Silvia.

Não há espaço para isso, justifica o banco.

Pedaladas políticas

Finalmente, caminhou para o fim, espera-se, o processo

de cassação do deputado Eduardo Cunha, afastado das funções parlamentares por decisão do Supremo Tribunal Federal.

A favor da punição de Cunha os deputados pedalarão, pedalarão, e só descobriram agora as razões do esforço feito inutilmente.

A bicicleta era fixa.

Iguais e diferentes

Dilma Rousseff, presidenta da República afastada, e o deputado Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara dos Deputados, também afastado, são, neste momento, réus no Congresso.

As razões, no entanto, são inteiramente diferentes.

Dilma é acusada pelo que não fez. Cunha responde por trapanças feitas.

Dilma é acusada por crime de responsabilidade. Cunha responde por acusação de corrupção, registrada no Supremo Tribunal Federal.

A defesa dos dois é sustentada pelas mesmas razões por crimes diferentes cometidos.

Razões do voto

Reflexão do ex-senador Saturnino Braga sobre a semelhança entre o PSDB de hoje e a UDN de ontem:

“Eles dão o golpe e, depois, perdem a eleição”.

Caixas-fortes

Em 2010, quase às escondidas, o ex-deputado federal tucano Márcio Fortes trocou, temporariamente, o Rio de Janeiro por São Paulo com a incumbência de montar o caixa oficial da campanha presidencial de José Serra.

Ao fim da disputa, constatou-se que houve mais contribuições financeiras do que votos para o candidato tucano.

Fortes ressurgiu agora sob a suspeição de ser o interlocutor de Serra junto às contribuições “por fora”.

Não há novidade nessa história.

Além de Serra, Márcio Fortes organizou financeiramente as campanhas de Moreira Franco, Cesar Maia e FHC, entre outros.

É um especialista nessas artimanhas.



Mestre
de uma
arte muito
manhosa

Assim é...

Afirmção do deputado afastado Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara dos Deputados, sobre as regras da ética impostas pela Câmara e as regras do Supremo Tribunal Federal: “A do Supremo é um pouquinho melhor”.

mauriciodias@cartacapital.com.br